

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.696

Sexta-feira, 6 de Junho de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração, Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de Impressão—Rua da Atalaya, 111 e 113

Um deputado no parlamento apoiou o actual ministério de "governo de assassinos". O país não quer ser governado por assassinos!

CARTA ABERTA

DA

UNIÃO DOS SINDICATOS OPERÁRIOS DE LISBOA AO GOVERNO E Á CAMARA DOS DEPUTADOS

CIDADÃOS DEPUTADOS:

Pretendendo o poder executivo, contrariamente a todos os princípios de Justiça e Humanidade, conseguir a serem deportados, para qualquer colónia, os presos por delitos de motivo social, indispensável, justo e oportuno se torna fazer sentir, Senhores, o peso da iniquidade que os fere.

Os operários encarcerados agora no presídio da Trafaria são os mesmos ou parte dos que estiveram presos quasi um ano em São Julião da Barra.

Dopo de 3, 4 e 5 mezes de cativeiro, naquela torre, como a Direcção da Segurança do Estado não pudesse dar-lhes processo em condições de serem presentes no tribunal por falta de provas e testemunhas, foram mandados em liberdade uns, e a outros legalizada a sua situação de livres, por terem fugido e se apresentado mais tarde.

Acontece agora, porém, que foram novamente presos, por motivo dos últimos atentados, e, o mais interessante é que, a acusação que lhes é movida tem a sua origem nos atentados anteriores ao seu encarceramento em São Julião da Barra.

Ora desde que foram soltos por falta de provas, o passado, o cadastro elaborado, então, cessava por inexistência do fundamento jurídico.

Succede ainda que aos operários mortos nos Olivais atribuiu-se uma série de atentados, por parte da policia, e que são também acusados os que se acham na Trafaria. E desta conjuntura oferece-se-nos dizer: Ou os foram mortos, foram, na verdade, os autores dos atentados dinamitistas e os presos estão inocentes e nesse caso a policia pactou com eles porque os mandou em liberdade, visto que os não interrogou depois de mortos, ou desde então aquele momento eles foram detidos, ou está simplesmente injuriando a sua memória, sem ter o que diz o que faz.

Entretanto que esta monstruosidade jurídica se passa nas monstruosidades civis se comtem por incompetência da policia e determinação do seu commissário geral. Aqui, não se pode talvez imputar-se responsável um homem que tom todas as características de um epilético,

cuja manifestação são, certamente, resultantes da influência mórbida duma tara ancestral.

Mas também, a população é que não pode estar sujeita ao arbitrio, à prepotência, à grosseria continua que a vexa e deprime na sua qualidade de cidadãos de um país civilizado.

Em todos os países em que o principio da sociedade tem por base jurídica e politica o respeito e o direito comum das liberdades, a corporação de policia civil é positivamente um corpo de agentes de segurança pública, prestando a sua intervenção e assistência, com civismo, dedicação e superior respeito pela lei, em todos os conflitos acidentais etc., em que a justiça e a punição se deve fazer sentir sobre o delinquent e o auxilio e diavelo sobre o ferido ou o inválido. Em Portugal, para vergonha de quem tolera tais desmandos, a policia é apenas um corpo de agentes de agressão pública.

Não se diga, porém, que as exorbitâncias succedem por seu livre arbitrio. A-pesar da sua falta de preparação mental e civilica ela é instigada ou pelo menos estimulada na obsessão do ataque.

Há poucos dias foi pelo sr. ministro do Interior louvada, no Parlamento, a attitudo assumida pela policia nos Olivais e a camara apoiou.

Só isso succedeu após a occorência por falta de informação fidedigna, não se compreende que se tivesse guardado absoluto silencio e acatado tacitamente os factos depois de pela A Batalha ter sido relatado o fusilamento dos operários que já então estavam feridos e depois de terem estado na esquadra, com bastas provas testemunhais.

Mas isto succedeu, senhores, porque se tratava de operários, porque se tratava de párias, era gente da ralé!

Todavia neste momento 18 ou 20 officiaes aviadores desobedecem ao poder executivo e ao poder militar. Não queremos apouca-los nesse acto de galharda bravura e estoicismo, pelo contrario; de resto os principios porque se norteia a nossa acção são muito antagónicos aos dessas classes. Fazemos apenas uma ingénua comparação.

São 20 homens que respondem a um acto inconstitucional, com outro acto inconstitucional, infringindo

ainda o Regulamento Disciplinar do Exército, porque são militares. Não hostilizarão pessoalmente ninguém mas não se deixarão prender, defendendo-se inclusivamente a tiro, com risco da própria vida; eles o dizem.

Há neste acto, evidentemente, uma tam elevada nobreza, uma tam pasmosa coragem e decisão que deixa perplexa toda a Camara, com aplauso duma boa parte. Nós também admiramos porque vemos nisso uma afirmação de liberdade em que a noção da personalidade irrompe a negar a efficacia da autocracia como meio de dominar os povos.

Mas, medita, senhores, interrogai a vossa consciência e a vossa integridade de legisladores.

Se os aviadores acham inconstitucional a obra do governo, no que se lhes refere, não será, porventura, mais inconstitucional o facto de se prender operários, em casa, às 3 horas da manhã? Não será mais inconstitucional prender duas mulheres, sendo uma septuagenária (uma mulher que podia ser vossa mãe!) simplesmente por recolherem o produto duma subscrição, entre gente que vive honradamente, do seu labor, para as famílias das vítimas dos Olivais?

Olhai que é bem pouco isto. Não pedimos uma condecoração porque não exalçamos o crime!

Agora, que dizíeis vós, Senhores, se os operários que são presos inconstitucionalmente, em casa, às 3 horas da manhã, responderem do mesmo modo, defendendo-se a tiro? Deveis convir que, em boa verdade, tinham esse direito com o beneplácito de alguns de vós.

Que diríeis vós, se estivessem 18 jovens comunistas ou não, entrancheirados na Amadora, dispostos a resistir aos captadores?

—E' preciso guardar as distancias.—Mas estes tinham mais liberdade de o fazer, porque não têm tam perfeita noção da disciplina, nem são officiaes do exército para darem o exemplo.

Mas então os homens que se acham presos não merecem igual attenção? Pretende o governo afastá-los do continente com o pretexto de que se exercea coacção sobre os jurados, com ameaças, porque os absolvem. Mas de que poderá ter receio o homem, dado que isso seja verdade, que tem a consciência tranquila de ter cumprido

do o seu dever? Não imploramos perdão. Exigimos tam simplesmente justiça e ninguém se sinta mal pelo que é justo.

Javert, matou-se, por não o ser uma vez na vida. Ainda não há muito tempo que um júri absolveu, sem coacções, um preso que se achava no Limoeiro, e alguém na Camara pretendia, por isso, abolir a constituição do júri. Depois disto, como se poderá atribuir aos operários desprestígio por aquelle, se a instituição que o criou lhe nega idoneidade?

Não, Senhores, não se diga que se pretende fugir às responsabilidades. Pretende-se justiça e decore, simplesmente.

Há também entre os presos da Trafaria, um outro que há poucas semanas foi julgado e absolvido por não se provar a acusação, e não tendo desde então, sido acusado de mais algum delito. Porque está preso?

Resalta, por isto, nitidamente, o desejo de perseguir, de torturar, de reduzir à miséria as famílias e levar o povo à rebelião.

Não está longe ainda o eco, vibrado na Rotunda, do brado da Revolução francesa que tornava invioláveis os direitos do cidadão.

Para decore do Parlamento, para prestigio do regime que vós servis, para o bem estar de todo o povo, isto não pode continuar assim.

Não, Senhores, não podeis sancionar isso. Se o fizerdes, dir-se-á que os legisladores cometeram a maior das iniquidades, enxovalhando-se na cópia do 13 de Fevereiro, e provando eficientemente a nulidade dos fundamentos da constituição vigente.

Não. A Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, há de reviver, por muito que o não queiram, mais forte, mais profunda e mais radiante em toda a sua pujança.

E se um véu de iniquidade cobre vergonhosamente essa augusta Figura, nós não sabemos, Senhores, se podemos desejar-vos

Saúde e Fraternidade

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa

ASSASSINOS! ASSASSINOS!

O governo leva tempo a morrer porque tem a pesar-lhe a consciência o barbaro fusilamento dos Olivais

O governo agoniza, numa agonía lenta—o governo agoniza. Que longa é a agonía, que prolongado é o seu estertor!

As pessoas, colectividades e as instituições que viveram mal, que gastaram, desperdiçaram a vida em actos que levam muito tempo a morrer, o alongamento da agonía governamental está espandendo a hora da morte os seus braços que cometeu em vida. Se a inércia os actos bons ou maus de cada um não se perdem, produzem numa acção fatal as suas consequências, actos maus do governo estão produzindo os seus efeitos: a intranquillidade, a revolta.

Intemto, um deputado no parlamento voltando-se para o governo, exclamou:—Assassinos! Assassinos!

O parlamento escutou esta acusação e, este clamor de condenação não se apouca do poderio do governo que para si se arrasta.

Muito tempo que de boca huns e de outros se ouve a palavra "Assassinos!" proferida por esse partido.

Assassinos! O governo tem as mãos manchadas de sangue! E o parlamento, se não quiser também ficar manchado, deve quanto antes derrubar o governo. O parlamento não pode coexistir com um governo que foi, com o tempo, apodado de assassino!

Assassinos! A consciência do governo três annos de barbaros se nas consciências, embora pervertidas, a sombra sinistra do remorso se projecta um dia—homens do governo só teriam uma maneira de exteriorizar o seu arrependimento, demittindo-se.

O governo é constituído por homens e essas pessoas são susceptíveis de culpa, deve demittir-se.

O governo soube que a policia fez recensear a população da cidade. Soube, em seu nome, em nome da "ordem", em nome da Moagem, em nome da Finança, em nome do Roubo, algumas fardadas, fusilaram sem que os seus olhos tremessem, dois operários, dois rapazes na flor da idade. O governo soube tudo isto. O governo teve a noção bem nitida da monstruosidade praticada e, no parlamento, pela boca do ministro da Instrucção, em vez de ser o primeiro a levantar a sua voz contra a infâmia, em vez de participar que a exigir do presidente da policia, uma immediata

Francisco de Aragão

Acompanhando o artigo que a seguir publicamos, enviou-nos o nosso prezado amigo, dr. sr. Da Cunha Dias, uma carta breve, justificando o motivo por que escolheu A Batalha, para nela exprimir a sua opinião. A sua justificação é lógica: "decreto os jornais republicanos não publicariam os seus conceitos desassombrados".

Penhoros-nos bastante a escolha que o dr. sr. Da Cunha Dias, fez. Demonstra elle, embora não comungando nos nossos ideais, aquelle nosso amigo confia na nossa honestidade, e sabe que não se podem defender ideias, actos e intenções limpos; senão em publicações limpas.

Os jornais da noite de ontem, e raras sublinhando o caso, com o relevo que merece, informam que o major Francisco de Aragão tendo exhortado as tentativas de conciliação honrosa se decidiu a ficar no campo da Amadora, acompanhando nesse gesto, nobre de protesto os officiaes aviadores.

De entre a lama em que se afunda uma Raça se ergue acima de todas as contingências a que fide o velleísmo baixo de uma hora de decadência esse gesto nobre dos que opõem galhardamente a vida à calnia, ao insulto, ao arbitrio.

E em nome da ordem e da disciplina pretende-se enxovalhar com o ridiculo, o que se não tem o cinismo de esmagar pela força.

Ante a vilania, ante a tentativa de enxovalhar, levanta-se mais uma pequena dificuldade—o prestigio de mais alguém.

Senhores do Parlamento! intemto ao governo que demova, que elimine, também a pequena dificuldade, em nome da ordem, em nome da disciplina.

Enxovalhem, cuspan na farda de Francisco de Aragão que se cobriu de gloria em Africa, lá longe onde não há parlamentos, nem tesuras, e ante a valentia dos valentes se estende a "chama" imensa e o silencio sem fim!

Cuspan, enxovalhem o que nessa tarde angustiosa de Naulila foi na incerteza da manhã que rompia o inter-rete da honra, o paladino do brio fazendo scintillar a sua espada ao sol nascente ante a chama imensa; cuspan na farda do paladino da independência e da integridade nacional, enxovalhem a honra, o brio, o pundonor!

Senhores do Parlamento, ordenem ao governo que mande fusilar Francisco de Aragão em nome da ordem e da disciplina! Ele revoltou-se quando estudante da Escola de Guerra e bateu-se em 5 de Outubro de 1910 pela República. Mandem-no fusilar pelo Ministério da Guerra que era republicano, que era officia! e que se não bateu!

Senhores da tropa! cumram as ordens!

A deportação de operários Os aviadores contra o governo

O governo da republica degradando inocentes comete um atentado contra a consciência colectiva de todos os trabalhadores

A noticia da deportação provocou primeiro um movimento de surpresa, depois uma profunda indignação. A surpresa foi justa, a indignação justificada.

Pois que atentado cometeram os operários contra a republica para que esta atente contra elle, pondo-se na disposição de os deportar, como se faz aos vadios?

Se alguém tem atentado contra a republica são os republicanos. Se estabelecerem sucessivas revoluções, nenhuma foi preparada ou realisada por operários. Estes só tomaram parte dentro da republica num unico dos seus movimentos politicos: quando foram a Monsanto impedir que a monarchia fosse restaurada.

A chamada "ordem publica" não foi perturbada por operários, mas por republicanos. Dezenas de revoluções, ou sejam graves e profundas alterações da "ordem publica" se tem produzido—por politicos republicanos. Em nome de quê, essas profundas e graves alterações da "ordem publica"? Em nome das mais descaradas ambições pessoais. Que são, comparados com esses conflitos sangrentos, em que republicanos mataram republicanos, numa canibalística fúria homicida, os movimentos levados a efeito pelas classes operárias? Gotas de agua em relação a oceanos.

E bom será ter de memória que as greves de protesto que sendo levadas a efeito pelos trabalhadores, motivaram-se sempre nos erros e erros bem graves e bem deprimentes dos politicos republicanos.

Os trabalhadores têm feito protestos, tendo como arma a greve, enérgica manifestação de solidariedade colectiva, para defender o seu "ão ameaçado, pelas complacências dos governos para com a Moagem, pela passividade dos governos diante das audaciosas manobras dos assambarcadores. Os trabalhadores têm recorrido à greve como sinal de protesto contra violentas perseguições e deploráveis provocações de alguns governos republicanos.

O operário tem vivido na republica sob um regime de tirania e fome. Não é de hoje.

Jens do ministro da Guerra, que a farda veste heróis e cobre lacaios, fusilem-no! Que a disciplina num lameiro é um pantano, a ordem num monturo é uma nicotina! A honra, o brio, são de mais.

Em nome da republica, senhores democratas, nivelem: em nome da disciplina. Senhores da tropa, fusilem!

Da Cunha DIAS

As tropas siliantes não atacaram, os aviadores não se renderam e o ministro da guerra não se demittiu

O conflito da aviação-militar-ministro da guerra ainda não está sanado. Ontem, como ante-ontem, os aviadores estiveram cercados na Amadora, as tropas siliantes mantiveram a sua immobildade, e o sr. Américo Olavo insistiu em não se ir embora.

A situação está-se tornando insustentável podendo, no entanto, considerarse que os aviadores obtiveram uma vitória moral, visto que não foram atacados. A sua revolta, pois, dentro do código militar é assim que o seu gesto deve ser considerado, não foi reprimida com a brutal energia que se costuma empregar nestes casos. O ministro da guerra, por esse facto, está moralmente em péssimos lençóis e com elle todo o governo. Mas, não se demittam, persistindo todos em viver, ministerialmente, a-pesar do descrédito em que caíram.

Como accentuámos o conflito nem sequer mudou de aspecto.

Ontem, ao começo do dia o campo de aviação de Sintra, foi rodeado de soldados armados de carabina. Esses soldados, tinham recebido ordens do comandante desse campo da aviação capitão sr. Moura, para repelir qualquer ataque.

A's 9,30 compareceram na Amadora o sr. António Mais, major aviador sr.

poderes públicos a fim de impedir uma tam grande arbitrariedade.

Corações ao alto!

Por humanidade, salvemo-los por todos os meios. Que nem um só falte a este protesto. Que ele se ouça em todos os bairros, em todas as ruas, em toda a parte. O tempo urge. Não nos demorem.

Protestos

Os corticeiros de Belém, na sua reunião de quarta feira para apreciar o estado do seu movimento, votaram por aclamação um enérgico protesto contra a pretendida deportação para a Africa dos operários ultimamente presos.

Emílio Zola

O seu monumento inaugura-se em 15 do corrente

PARIS, 5. — As organizações democraticas francesas pretendem fazer grandes demonstrações no dia 15 de Junho quando se proceder á inauguração dum monumento a Zola.

Apreensões de "A Batalha"

Em Beja

BEJA, 4.—As autoridades desta cidade curvando-se servilmente ao despotico governo que se encontra no poder, tem exercido contra A Batalha uma rude e acinosa perseguição.

A Batalha tem sido apreendida nesta terra o que tem causado grande indignação entre o operariado local, visto perceber-se perfeitamente o fôgo do governo, não deixando circular o órgão dos trabalhadores por este atacar a Moagem e todos os exploradores da população operária.

A apreensão deu um resultado negativo pois ainda puderam circular alguns números que foram lidos avidamente.

Em Alpiarça

ALPIARÇA, 4. — Foi ontem aqui apreendido o jornal A Batalha e os ordens do governador civil de Santarém chegaram-nos, há mais de duas horas, a dizerem que a apreensão foi feita por motivos de ordem de segurança e que a apreensão foi feita por motivos de ordem de segurança e que a apreensão foi feita por motivos de ordem de segurança.

Teatro Nacional

HOJE—A's 14 horas—HOJE

MATINEE GRATUITA

comemorando o centenário do grande poeta

LUÍS DE CAMÕES

com a peça histórica

O CRIME DE ARRONCHES

BREVEMENTE — Inauguração da época de verão

OPERÁRIOS CORTICEIROS

A luta por aumento de salário mantém-se firme em todo o país

A classe corticeira, que há 37 dias vem lutando por melhoria de situação econômica, tem demonstrado uma coesão digna de figurar ao lado de outras lutas que a mesma classe tem travado contra o industrialismo em outras épocas.

Afirma assim mais uma vez a sua consciência revolucionária e o seu espírito de resistência, embora com grandes dificuldades já venha lutando, porque mais de um mês de greve era caso para desanimar os mais fortes em virtude da falta de recursos.

Porém, os operários corticeiros, reconhecendo que do seu lado está toda a razão, quando se lançaram na greve foi na disposição de só retomar o trabalho quando os industriais fizessem justiça às suas reclamações e a Federação desse o movimento por terminado.

E assim permanecem na luta pelo pão dos seus, não obstante o soluço do conflito já se estar tornando e a miséria assentir arcaica nos já desprovidos lares dos corticeiros. Parece, no entanto, que estas dificuldades mais animam os grevistas a prosseguir na luta em que estão empenhados, chegando a esquecer-se dos sacrifícios que são obrigados a suportar.

É uma luta de verdadeiros heróis, que se dignifica a classe a que pertencem e os seus líderes a consideração da restante organização operária que já lhes vai prestando a sua solidariedade para que os corticeiros vençam.

As manifestações de solidariedade que se vão produzindo em todo o país, confirmam o que dizemos.

A Secção de Cortiça da Associação Industrial Portuguesa comunicou ontem à Federação Corticeira as deliberações tomadas na véspera em reunião das industriais. Para serem apreciadas essas deliberações, reúne hoje o conselho federal, não tendo podido fazer ontem em virtude de os respectivos delegados não terem comparecido por falta de conhecimento.

Federação Corticeira Nacional

Reúne hoje o conselho federal, pelas 9 horas da manhã, sendo necessária a comparecência de todos os delegados directos e indirectos à hora indicada.

Reuniões para hoje

Para tomarem conhecimento e deliberarem sobre o movimento, reúnem hoje, pelas 18 horas, os corticeiros das seguintes localidades:

Aldegaleta, Almada, Alhos Vedros, Barreiro, Belém, Moita, Poço do Bispo e Seixal.

Aldegaleta

ALDEGALETA, 4. — Reúnem os operários corticeiros desta localidade para apreciar o estado do movimento, sendo agradável a sua linha de conduta, mantendo-se a greve sem defecções e resolvendo a classe acatar as deliberações da Federação.

Temos a registar mais uma proeza do sr. Manuel Belchior, chefe da estação do caminho de ferro desta localidade. Tendo chegado aqui um vagão carregado de ripas para emparelhar de fardos das aparas para a firma Mundet e sendo a descarga à conta da mesma firma, esta não conseguiu arranjar pessoal para esse efeito, mas o chefe da estação obrigou alguns dos seus subordinados a descarregar, lavrando o Sindicato um protesto contra a atitude do sr. Belchior.

Na classe reina grande entusiasmo.

Federação Metalúrgica em Portugal

Nota oficiosa da Comissão Administrativa

Tendo esta Federação necessidade de reunir o Conselho Federal para resolver assuntos de transcendental importância, roga a todos os sindicatos aderentes que a nomeação dos seus representantes ao mesmo Conselho.

Espera a Comissão Administrativa que lhe seja da resposta o mais breve possível para o bom desempenho da sua missão.

C. G. T. Comité Confederal reúne hoje pelas 21 horas.

devido ao crime dos Olivais que é ao nosso ver um dos crimes mais revoltantes que se tem dado em Portugal e contra ele lavramos o nosso mais indignado protesto em nome dos Rurais de Alparça.

A direcção do sindicato dos Impressores Tipográficos, protestando indignadamente contra as apreensões de *A Batalha*, exorta todos os componentes da classe a propagarem e a fazer circular, através de todas as contralarias, o porta-voz da organização operária.

Protestaram também contra a perseguição de está sendo vítima o nosso jornal os sindicatos dos Encadernadores e Anexos, da Construção Civil do Porto e dos Empregados de Escritório.

UM CLAMOR ANGUSTIOSO

que se eleva das profundidades do Forte de Monsanto às colunas de «A Batalha»

(Carta aberta ao sr. Presidente da República e ao sr. Ministro da Justiça)

Francisco Marques Candeira, recluso na sala 2, do forte de Monsanto, numa carta que me enviou, há pouco, chama a atenção dos poderes públicos sobre o que ali se passa e é de molde a causar arrepios, ainda aos mais humanitários ou indiferentes aos sofrimentos alheios.

Na sua obra intitulada «Reforma Penitenciária», publicada em Lisboa, em 1885, diz o dr. João da Silva Matos: «Queríamos dizer maravilhas das nossas prisões, mas, mau grado disso, temos só a contar desgraças. Isto vamos fazer sem folhearmos a história dos epítetos ultrajantes soltados sempre por corações generosos que se revoltam contra a maneira cruel porque temos tratado até agora os que são privados da sua liberdade.

«As providências que se adoptaram para melhorar o estado vergonhoso das nossas prisões não passaram de paliativos e serviram, apenas, para acalmar a consciência pública.

«O mal estava profundo e inveterado e tinha de ser cortado pela raiz.

«Para isso é mister fazer um código especial, sobre o regime interior das prisões, em comum, do reino, reservadas ainda para existência duradoura.

«Os presos não podem continuar a viver entregues ao arbitrio dos directores das prisões, e sujeitos ao mando odioso dos facinorosos que ali governam, em nome da lei.

«Abandonar o delinquente à porta da prisão para o lançar na lama e no vício da envivia, sabendo, ao certo, que vai refinar em vileza ou calejar em maldade, é a maior e a mais assombrosa de todas as atrocidades.

«Corroborando as asserções acima transcritas, vejamos o que diz o recluso Candeira, na sua supracitada carta: «Encontram-se aqui, aguardando destino, um cento e cinquenta condenados a prisão maior, sendo em um deles, e há também infelizes que, talvez pelo roubo dum pão ou pouco mais, já cumpriram oito e nove anos de penitência e que, passa de dois anos, reclamam em vão e no deserto que os ponham a caminho, parecendo que ha o propósito de os matar lentamente aqui dentro.

«A nossa alimentação varia nuseas aos suínos e a enfermagem, nesta prisão só se concede a quem pode pagar-la.

«Ha pouco tempo e na contagem da noite, o chefe dos guardas, sr. Monteiro, encontrando alguns reclusos doentes, mandou-os para a enfermaria donde vieram logo recombiados para a prisão, por lhes faltar o dinheiro.

«Confirmando esta dolorida e dolorosa exposição, alguém me contou o seguinte:

Na sala 2 do malito forte, (a mesma em que se encontra o Candeira) encontrava-se, há dias, muito doente, um dos reclusos.

O fiscal da prisão deu conta do caso à sentença pelo que, e pouco depois, compareceu um guarda e o ajudante de enfermeiro que entrou na sala e a quem o referido fiscal deu conta da ocorrência, acrescentando que lhe parecia que o infeliz recluso estava mais para morrer do que para viver.

Repliquo o dito ajudante que devia ser caso de «ronha» e mandou levantar o desgraçado que, não podendo manter-se de pé, teria caído desamparado no pavimento que lhe servia de cama, se não lhe acudissem alguns companheiros que o ampararam.

No final da sua carta diz o recluso Candeira:

«Há pouco veio aqui a Monsanto o novo director das cadeias civis, sr. Manuel Gregório Pestana Júnior, dizendo o *Diário de Notícias* que s. ex.ª tinha encontrado esta prisão num estado irrepreensível de acção, ficando, com certeza convencido da existência desse acção à vista das paredes caídas, à entrada do forte.

«Se o novo director tivesse descido às prisões reconhecer imediatamente que, aqui em Monsanto, e por fora, tudo são cordas e violas e por dentro puro bolorento.

«É a angustiosa carta termina na invocação lançando dos seguintes versos de Gomes Leal, recentemente publicados no suplemento do jornal *A Batalha*.

Há tempo a esta parte que entre as classes marítimas vem lavrando a crise de trabalho, de entre todas, uma há que mais tem sofrido com esta crise: é a classe dos estivadores.

Esta classe, que comporta para cima de 700 trabalhadores, vem, desde que a crise se acentuou, conseguindo apenas que uma minoria vá trabalhando com certa regularidade, enquanto a maioria luta com uma miséria atroz. É precisamente este lamentável estado em que se encontra a grande maioria da classe, que nos leva a umas breves considerações, que baseamos numa experiência já feita.

Na Associação de Classe dos Estivadores do Porto de Lisboa, todos os operários se encontram com os mesmos direitos à face de iguais deveres, e ainda é por virtude da Associação que o trabalho da estiva só pode ser feito pelo pessoal que à Associação pertence — os associados — excepto quando esse trabalho é demais para esse pessoal.

Pois bem, quando assim se estabelece a defesa do trabalho para a classe, a Associação toma o compromisso de velar também pela execução do trabalho pelos associados. Este compromisso, não se limita apenas a velar pela moral da classe para que o seu prestígio se não perca, ele exige também que a Associação regule a distribuição do trabalho que ela require só para os trabalhadores que lhe são aderentes.

Se em todos os tempos o princípio da distribuição do trabalho equitativamente pelos associados, é uma justiça ante a qual a Associação não pode vacilar, no momento presente em que a falta do trabalho é tão grande, já devia ter sido posto em prática criando a escala de trabalho de forma que todos os associados seja dando ganhar o pão para si e para os seus.

Sabemos que há quem não aceite

este justo sistema de trabalho, mas à Associação compete pô-lo em prática, para dar à grande maioria dos estivadores que não trabalham, porque o trabalho é só para uns tantos, a certeza que ela existe para defender os interesses dos seus componentes em igualdade de circunstâncias. Porque é necessário que se diga: há estivadores que em 40 dias de esperança de trabalhar, aparecem na praça de conto — só têm conseguido trabalhar 4 dias, outros nem isso têm conseguido.

E quanto o maior número fica sem trabalho, não sabemos que na Companhia Nacional de Navegação, pouco mais de 30 estivadores, trabalharam duas semanas consecutivas fazendo estradas até à meia noite.

Isto é razoável, quando tantos e tantos estivadores que sabem respeitar e cumprir com os seus deveres para com a Associação, permanecem meses seguidos sem conseguir trabalhar um dia.

A Associação, que defende o trabalho da estiva para os estivadores no mesmo pé de igualdade, não deve consentir que este estado de coisas continue; é absolutamente indispensável que todos tenham iguais direitos, visto que a todos se exigem iguais deveres.

Para terminar: julgamos que para ser atenuado um pouco a miséria que a maioria da classe sofre, seja criada a escala de trabalho, para que o muito ou pouco trabalho por todos seja distribuído; e só criaturas sem coração podem continuar a defender nesta altura, esta forma de trabalho, que faz com que muitos filhos de operários da estiva se tenham lançado na mendicância empurrados pela fome.

Há, pois, mais humanidade, e boa intenção de tornar o trabalho acessível a todos.

Linco Fernando ROMA.

Editor do Poderado e Confederal

Ob! quantas vezes, quantas, perseguições, Nas aflições, nas choças abatidos E nos exilios tristes.

Não terão ao azul imaculado Erguendo as mãos, justiça em vão clamado.

Justiça, não existe.

O que deixo exposto e dispensa comentários não pode deixar de clamar bem no ânimo do sr. Presidente da República e do sr. Ministro da Justiça e fazer com que SS. Ex.ªs se dignem intervir no caso, de modo que e duma vez por todas, as prisões do Estado venham a possuir as condições da mais rudimentar higiene, que lhes faltam, em absoluto, e que o espírito de humanidade que deve ser a base sólida ou o alicerce da verdadeira Democracia não haja de sofrer nunca mais um agravamento interior dessas prisões de que ninguém está livre, seja qual for a sua condição social, pelo menos enquanto a sociedade se reger por normas e códigos como os actuais, muito susceptíveis de converter anjos em verdadeiros monstros.

Coliseu dos Recreios

HOJE—A's 21.15 (9 14)—HOJE

A PEDIDO GERAL

Companhia de opera e opereta

— Italiana —

Com a representação da opereta do maestro KALMAN

A BAILADEIRA

A melhor, mais linda e mais aplaudida opereta que se tem cantado em Portugal

SUCESSO

SEM PRECEDENTES

Música admirável

Superior desempenho

Deslumbrante cenário

Magnífico guarda-roupa

REPRESSÃO ESPANHOLA

JUAN ACHER

está arbitrariamente condenado à morte — Reclamemos o seu indulto!

A pena de morte imposta pelo tribunal de Barcelona a Juan Bautista Acher (El poeta), é um dos factos mais monstruosos que a história espanhola pode registrar.

Acher foi processado como suposto autor de um atentado contra o General Martínez Anido, então Governador Civil de Barcelona. A bomba que foi encontrada num automóvel e que devia ser arremessada contra o general, quando este passasse revista aos somatenes reunidos na Rambla, não chegou a explodir.

Há certeza de que fosse Acher o que devia arremessá-la? Não. Como é, pois, condenado à morte?

Afirmam que foi porque estava implicado na explosão da Calle de Toledo. Mas o processo de Calle de Toledo é completamente à parte do caso da Rambla, e tanto assim que por aquele facto foi condenado a 8 anos de prisão.

Os juizes que o condenaram à última pena, fundamentaram a sentença no seguinte argumento:

Que Acher era recidente, pois anteriormente estava condenado por idêntico delito.

Não é isto monstruoso? Se pelo delito anterior foi condenado a 8 anos de prisão, como pode este delito agravar a segunda condenação?

O código espanhol, determina, que a pena de morte só é aplicável nos delitos em que haja estudo de sangue. Está neste caso Acher? Não. A bomba da Rambla não produziu vítimas, nem mesmo panico, pois foi descoberta muito antes da revista dos Somatenes.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil

Conselho Federal. — Em reunião efectuada no dia 4 de despacho ao expediente de vários sindicatos aderentes, — accitou como delegado pela Associação do Barreiro o camarada Alvaro Rosa.

Em ordem de trabalhos occupou-se de officio dos presos por questões sociais, que baixou a comissão administrativa, e aprovou o relatório moral e financeiro que vai ser presente ao congresso.

Por último congratulou-se com a forma altiva como os camaradas corticeiros se encontram para melhoria de situação, resolvendo auxiliar estes materialmente e distribuir circulars aos sindicatos e operariado da indústria para efeito de solidariedade.

Operários do Município. — Na assembleia magna ontem efectuada foi proposto a criação dum grupo de propaganda dos operários do município para o levantamento moral da classe, distribuição de folhetos de propaganda sindicalista, conferências, etc., contribuindo com \$50 semanais todos os operários que queiram fazer parte do grupo.

Compositores Tipográficos. — Reúne a direcção que aprovou novos associados. Deliberou convocar o conselho fiscal a reunir em conjunto com a direcção, na próxima quinta-feira, 12, pelas 18 horas.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil, Secção de Propaganda do Norte. — Reúne no próximo domingo, às 15 horas, para tratar de vários assuntos de muito interesse.

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Conselho Federal. — Para resolver assuntos anuais reúne hoje, pelas 21 horas, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados.

União Têxtil. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral para apreciar a crise que se vem manifestando nas fabricas de lanifícios.

Dada a importância dos assuntos e para interesse próprio, é indispensável a comparecência dos operários das fabricas onde a crise é já manifesta.

S. U. Mobiliário. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª apreciar o relatório dos delegados à conferência inter-sindical; 2.ª Nomear delegados à U. S. O.; 3.ª Nomear os componentes da caixa de solidariedade; 4.ª Apreciar assuntos diversos de interesse para o organismo.

Cabouqueiros e fabricantes de cal. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Manufactureiros de calçado. — São convocados a reunir em assembleia geral, pelas 21 horas, amanhã, sábado, todos os sócios deste sindicato, para apreciar assuntos de interesse para a organização.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Sindicato da Construção Civil de Beja. — Reúne a comissão administrativa, que resolveu convidar a comissão revisora de contas a reunir hoje, sexta-feira, pelas 20 horas, lembrando a todos os operários da indústria que já se encontra montada a cobrança.

Teatro APOLO

— HOJE —

às 9,30 da noite

A hilariante comédia

O

Comissário de Policia

— ADMIRAVEL —

INTERPRETAÇÃO

A cura das doenças pelas plantas

3.ª edição—Preço, 2\$00; pelo correio, 2\$50—Pedidos à administração de A BATALHA.

REPRESSÃO ESPANHOLA

JUAN ACHER

está arbitrariamente condenado à morte — Reclamemos o seu indulto!

A pena de morte imposta pelo tribunal de Barcelona a Juan Bautista Acher (El poeta), é um dos factos mais monstruosos que a história espanhola pode registrar.

Acher foi processado como suposto autor de um atentado contra o General Martínez Anido, então Governador Civil de Barcelona. A bomba que foi encontrada num automóvel e que devia ser arremessada contra o general, quando este passasse revista aos somatenes reunidos na Rambla, não chegou a explodir.

Há certeza de que fosse Acher o que devia arremessá-la? Não. Como é, pois, condenado à morte?

Afirmam que foi porque estava implicado na explosão da Calle de Toledo. Mas o processo de Calle de Toledo é completamente à parte do caso da Rambla, e tanto assim que por aquele facto foi condenado a 8 anos de prisão.

Os juizes que o condenaram à última pena, fundamentaram a sentença no seguinte argumento:

Que Acher era recidente, pois anteriormente estava condenado por idêntico delito.

Não é isto monstruoso? Se pelo delito anterior foi condenado a 8 anos de prisão, como pode este delito agravar a segunda condenação?

O código espanhol, determina, que a pena de morte só é aplicável nos delitos em que haja estudo de sangue. Está neste caso Acher? Não. A bomba da Rambla não produziu vítimas, nem mesmo panico, pois foi descoberta muito antes da revista dos Somatenes.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil

Conselho Federal. — Em reunião efectuada no dia 4 de despacho ao expediente de vários sindicatos aderentes, — accitou como delegado pela Associação do Barreiro o camarada Alvaro Rosa.

Em ordem de trabalhos occupou-se de officio dos presos por questões sociais, que baixou a comissão administrativa, e aprovou o relatório moral e financeiro que vai ser presente ao congresso.

Por último congratulou-se com a forma altiva como os camaradas corticeiros se encontram para melhoria de situação, resolvendo auxiliar estes materialmente e distribuir circulars aos sindicatos e operariado da indústria para efeito de solidariedade.

Operários do Município. — Na assembleia magna ontem efectuada foi proposto a criação dum grupo de propaganda dos operários do município para o levantamento moral da classe, distribuição de folhetos de propaganda sindicalista, conferências, etc., contribuindo com \$50 semanais todos os operários que queiram fazer parte do grupo.

Compositores Tipográficos. — Reúne a direcção que aprovou novos associados. Deliberou convocar o conselho fiscal a reunir em conjunto com a direcção, na próxima quinta-feira, 12, pelas 18 horas.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil, Secção de Propaganda do Norte. — Reúne no próximo domingo, às 15 horas, para tratar de vários assuntos de muito interesse.

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Conselho Federal. — Para resolver assuntos anuais reúne hoje, pelas 21 horas, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados.

União Têxtil. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral para apreciar a crise que se vem manifestando nas fabricas de lanifícios.

Dada a importância dos assuntos e para interesse próprio, é indispensável a comparecência dos operários das fabricas onde a crise é já manifesta.

S. U. Mobiliário. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª apreciar o relatório dos delegados à conferência inter-sindical; 2.ª Nomear delegados à U. S. O.; 3.ª Nomear os componentes da caixa de solidariedade; 4.ª Apreciar assuntos diversos de interesse para o organismo.

Cabouqueiros e fabricantes de cal. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Manufactureiros de calçado. — São convocados a reunir em assembleia geral, pelas 21 horas, amanhã, sábado, todos os sócios deste sindicato, para apreciar assuntos de interesse para a organização.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Sindicato da Construção Civil de Beja. — Reúne a comissão administrativa, que resolveu convidar a comissão revisora de contas a reunir hoje, sexta-feira, pelas 20 horas, lembrando a todos os operários da indústria que já se encontra montada a cobrança.

São Carlos

— Telefone C. 3083 —

HOJE—Récita do actor

ERICO BRAGA

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

da peça em 3 actos de BERNSTEIN

tradução de

Horta e Costa e Monton Osório

DEPOIS DE MIM...

(APRÉS MOI...)

interpretando os principais papéis

LUCILIA SIMÕES e o festejado

Encenação de António Pinheiro. As

elocuentes de Lucilia Simões foram

espectacularmente confectionadas nos

estilhos de Madame Demetria de Castro

Pereira. Scenários novos de Luz & Almeida e Campos & Oliveira. Nos

intervalos sexteto sob a direcção do

René Bohet.

— NITE DE ENTUSIASMO —

O CRIME DOS OLIVALS

Os corpos gerentes do Sindicato, tendo reunido e apreciado os últimos acontecimentos, que tanto têm revoltado a consciência dos trabalhadores, resolveram fazer um apelo à classe, para que se abram quotas em todas as oficinas, favor das famílias das camaradas assassinadas nos Olivais, dos presos metálgicos e de *A Batalha*.

Tal resolução obedeceu ao critério justo de a solidariedade ser prestada, distribuída consoante a necessidade do momento, demonstrando assim a classe a sua repulsa não só pelos bárbaros silos, como também pelas arbitrariedades prisões de operários honestos, pela acintosa perseguição de que está sendo vítima *A Batalha*.

Compositores Tipográficos

Na última reunião da direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos protestou-se contra o fusilamento sumário e cobarde de operários há pouco perpetrado nos Olivais, resolvendo apelar para todos os seus componentes a fim de que, como protesto, iniciem nos respectivos locais de trabalho colações para as famílias das vítimas.

Federação da Construção Civil

Em reunião do conselho federal, leu o seu protesto contra o fusilamento sumário levado a efeito pelas forças policiais, na pessoa de indefesos operários.

O grupo *O Semeador*, na sua sessão de ontem, resolveu protestar, indignadamente, contra o crime das autoridades portuguesas contra prisioneiros indefesos, cometido, ultimamente, nos Olivais, e subterveio com a quantidade de dez escudos para auxilio às vítimas de tão odioso atentado.

Reúne a comissão administrativa da secção sindical da construção civil de Charneca, as autoridades que protestam energicamente contra o bárbaro fusilamento dos Olivais e contra as perseguições que vem sendo movidas à classe operária.

Protestaram contra o tremendo crime praticado pela policia nos Olivais mais os seguintes sindicatos:

Encadernadores e anexos, construção civil de Lisboa, empregados de escritório, construção civil do Porto e impressores tipográficos.

Para a família das vítimas

A Comissão que se constituiu em Campo de Ourique tem trabalhado afanosamente na distribuição de listas, tendo sido auxiliada por grande número de camaradas, devendo amanhã realizar-se a primeira colheita.

Transporte, 2.495\$40; Sara Lopa, 2\$00; José de Sousa Silva, 5\$00; Carlos José dos Santos, 5\$00; Ernesto Gomes, 5\$00; João Antunes, 20\$00; Justo, 10\$00; José Garcia Almeida, 10\$00; Vitor Silveira, 5\$00; António Quintinha, 20\$00; Grupo Dramático de Belém, 10\$00; Idem grupo entre os sócios, 25\$30; Adriano Canhão, 2\$50; Grupo do Semeador, 10\$00; António Rodrigues, 5\$00; José Maria Alves, 5\$00; Odeon Cruz, 10\$00; B. Bernardes, 10\$00; Santos, 10\$00; M. Ferreira, 2\$00; da Silva, 2\$50; Manuel da Silva, 2\$50; Carvalho, 2\$00; J. Ferreira, 5\$00; J. Fragozo, 2\$50; A Duarte, 2\$50; J. Mendes, 2\$50; Um amigo da Sociedade Futura, 5\$00; José da S. Figueiredo, 2\$50; J. N., 2\$50; Raúl Gonçalves, 1\$00; António Joaquim, 1\$00; Jaime Ferrer, 1\$00; Cleto J. Vicente, 1\$00; Carlos M. Aguel, 2\$00; Sebastião Pinto, 1\$00; António A. Silva, 2\$50; Claudêncio António, 2\$50; J. B., 2\$50; N. N., 1\$00; José C. Madruga, 4\$00; V. Casimiro, 2\$50; Manuel Torneiro, 2\$00; T. da S., 5\$00; José Lima, 5\$00; Cesimiro Mendes, 1\$00; Manuel Pedro, 1\$00; Artur Sequen, 2\$50; António Sequeira, 2\$50; José B. mos, 1\$00; Joaquim Pires, 4\$00; Alexandre Rebelo, 5\$00; António Magina, 1\$00; A. F., 5\$00; António Silva, 2\$00; João Brás, 7\$50; Henrique Giral, 2\$00; António Almeida, 1\$00; Afonso dos Santos, 1\$50; Manuel Fernandes, 1\$50; António J. S., 10\$00; José Sousa, 1\$50; J. V., 10\$00; António Gomes Alves, 5\$00; L. Perdigão, 2\$50; António, 1\$00; Francisco Carrage, 2\$50; Eduardo F. Pinha, 5\$00; António Martins, 5\$00; Anónimo, 2\$50; N. N., 1\$00; Aires Gomes, 1\$00; N. N., 1\$50; J. Simões, 1\$50; A. B., 2\$00; Francisco Andrade, 2\$00; José Canito, 2\$50; João Campa, 2\$00; José Leitão, 1\$00; Guilherme Pereira, 5\$00; Luis das Neves Maciel, 2\$00; Acácio V. Leal, 2\$00. A transportar, 2.938\$30.

Suplemento de A BATALHA

Misterios do Povo

A Batalha, pela sua secção editorial, vai fazer reaparecer todas as obras de conhecidos escritores que se encontram esgotadas, tais como as de Eugénio Sue, Zola, Victor Hugo, Gorki, etc.

A Batalha tem o intuito de reeditar os bons romances sociais em condições de preço que permitam uma larga circulação e ao alcance da magra bolsa do proletariado, criando assim, uma grande colecção literária que se denominará *Biblioteca Popular*.

A primeira obra que vai inaugurar a *Biblioteca Popular* é o grande romance histórico de Eugénio Sue *Os Misterios do Povo*, onde se historia a vida dos oprimidos desde os seculos mais remotos até à Revolução Francesa.

Os Misterios do Povo são hoje considerados a *Bíblia* proletária, devendo ser adquirida pela classe operária pelos grandes ensinamentos que contém sobre o sofrimento dos desprotegidos através de todos os tempos.

Os Misterios do Povo serão publicados em tomos de 32 paginas, profusamente ilustrado com boas e sugestivas gravuras, ao módico preço de \$50 cada tomo.

Os Misterios do Povo é a publicação mais barata que se publica no país e aparecerá brevemente.

Acite-se desde já assinaturas ao preço de \$500 por cada série de 10 tomos.

Os pedidos acompanhados das importâncias respectivas devem ser enviados à Administração de *A Batalha*.

«A Bailadeira» no Coliseu

A pedido do público, a companhia italiana vai dar no Coliseu dos Recreios um limitadíssimo número de espectáculos que hoje terão início com a apresentação da célebre opereta *A Bailadeira*, que é a mais bela, a melhor e mais aplaudida que se tem cantado em Portugal.

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente—Encomendas postais até 6 quilos \$300, pacotes até 2 quilos \$15 cada 50 gramas, e mais \$40 para registo em cada pacote. **Ilhas**—Encomendas postais, 6 quilos \$600. **Brasil e Países da União Postal**—Pacotes de 2 quilos 9350, **América do Norte**—Pacotes até 5 quilos, 6550.

—Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E' assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

—Um revolucionário que não estuda é como um barco sem piloto.

—O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se

nome que deseja instruir-se.

| | correio |
|---------------------------|---------------|
| ro-Kabe..... | 1\$20 1\$30 |
| pendareto-Zamenhof..... | 12\$00 12\$70 |
| pendareto-1923..... | 15\$00 17\$00 |
| da Herediajo..... | 2\$50 2\$60 |
| o interne de mia cãm..... | 17\$50 18\$10 |
| ido de l' mizerio..... | 3\$00 3\$30 |
| taboj (para conver.....) | 3\$00 3\$30 |
| opodia Vort...Verax..... | 15\$00 15\$60 |
| ak) Rakontoj..... | 20\$00 21\$40 |
| rio de La Linvo Es..... | 6\$00 6\$30 |
| o..... | 6\$50 6\$80 |
| de Zamenhof-Privat..... | 20\$00 20\$60 |
| go de la Montoj (il.....) | |
| e)..... | 12\$00 13\$20 |
| o de Doloro..... | 6\$00 6\$50 |
| en..... | 4\$00 4\$30 |

Várias

| | |
|---------------------------------|---------|
| ção Social (Revista de Pe.....) | |
| ogia e Sociologia..... | 2\$00 |
| enovações, Revista Bran..... | |
| —Vários números, cada..... | \$30 |
| ção Popular, Revista edi..... | |
| a pela Unversidade Popu..... | \$50 |
| Natura? Cultura (a Vida.....) | |
| natura? Natura. N.ºs 1 e 2..... | \$50 |
| ais. 1.º de Maio e Avila..... | \$30 |
| 5 e..... | \$30 |
| Novas, cada..... | 1\$00 |
| Revista Blanca (em espa.....) | |
|), cada..... | 2\$00 |
| nas Libres (em espanhol),..... | 1\$50 |
| a Vermelha, de vários au..... | \$25 |
| ns, cada..... | 10\$01 |
| ncês sem mestres..... | 7\$50 |
| ncês sem mestres..... | 7\$50 |
| pracional (Hino)..... | \$30 |
| ilha (Hino revolucionário)..... | \$20 |
| ário (Cândido Figueiredo)..... | 200\$00 |

CANDEIROS !!!

quem vende o calçado mais barato, mais elegante e mais resistente

Intendente-Lisboa

EXAMINEM

AS QUALIDADES E PREÇOS

Máquinas de coser
bobines central... 1:000\$00

Bicicletas roda livre,
dois freios, guarda-
lemas, garantidas 1:000\$00

lancheiras ferro es-
maltado 1:100\$00

Artigos de futebol. Contadores

trav. de S. Domingos, 28
 — LISBOA —

Querem _____
 _____ **aproveitar ?**
 Para comemorar o aniversário da sua importante casa, o grande industrial da Covilhã, JAIME MANTASILGO, vai distribuir, até ao dia 31 de Junho, a todos os seus frequentes que lhe façam uma encomenda de fazenda, um interessante brinde.
 Aconselhamos os nossos

AIMÉ PINTASILGO
(-) COVILHÃ (-)

Infuraria

a vapor

limpa e tingê toda a qualidade
vestuário, fatos de homem e
idos de senhora e de criança,
preto e todas as cores garanti-
E' a melhor casa no gênero e
e mais barato trabalha.

rua das Amoreiras, 177